

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA NA RUA: A LDB E O MNMMR

Tiago Bruno Areal Barra
Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC

Flávio Muniz Chaves
Doutorando em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC

Ellis Batista Paiva Brito
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará - UFC

RESUMO

O presente processo investigativo tem como objetivo dialogar sobre o papel formativo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) do Ceará e a sua relação com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996), dentro de uma perspectiva sociohistórica. O trabalho justifica-se pela importância formativa (GATTI 1998; MACEDO, 2010), do MNMMR para a garantia de um sistema de direitos à crianças e adolescentes que vivem em situação de rua na cidade de Fortaleza, sendo que tal grupo social atua predominantemente na Comunidade do Lagamar (BARRA, 2015; MNMMR, 1991; OLIVEIRA, 2004; PEDROSA, 1990). Como processo metodológico, a pesquisa caracteriza-se como de cunho qualitativo, utilizando-se para a obtenção coesa dos resultados, uma análise bibliográfica profunda. No contato direto com os educadores sociais que compõem o MNMMR foi usada a observação participante para inserção no lócus, como também, a entrevista semiestruturada permitiu que os mesmos emitissem os seus dizeres sobre o aspecto formativo encontrado nas suas ações cotidianas no grupo. Como resultados, observa-se que as práticas de uma educação social de rua realizada pelo MNMMR são tidas em contextos não formais de ensino, tendo como premissa preparar os sujeitos para as adversidades de seus espaços vivenciais. Os educadores sociais de rua creem em uma formação voltada para a construção dos sujeitos enquanto agentes de transformação social de suas realidades.

Palavras-chave: Formação. LDB. MNMMR.

INTRODUÇÃO

A educação em sua concepção vigente perpassa por conjunto de transformações que são construídas concomitantemente com as mudanças ocorridas na sociedade, tendo em vista o cenário sociopolítico constituído.

Os sujeitos se transformam em suas experiências pessoais, auxiliadas pelas suas performances coletivas, nessa lógica, sujeito e sociedade estão, quase de ininterrupta, em plena relação dialógica. Uma das transformações importantes nas últimas décadas em território nacional, foi o reconhecimento de que a educação, em sua concepção vivencial, acontece também longe dos espaços sociais formais de ensino, como por exemplo, no território das ruas. Nesse sentido, a rua acaba por ser importante espaço de difusão de experiências e troca de percursos vivenciais para vários sujeitos que nela se fazem presentes.

A educação social de rua, ou pedagogia social, tem seu alicerce em importantes educadores brasileiros, como determina Oliveira (2004, p. 17):

A Educação Social de Rua ou Pedagogia Social de Rua teve o Brasil como palco principal, e como fontes inspiradoras a pedagogia de Paulo Freire, Celestine Freinet e Emília Ferreiro. Além disso contou com o apoio essencial da Igreja Católica, por meio da então Pastoral do Menor e do aporte teórico prático da Teologia da Libertação e do UNICEF.

A educação social de rua é importante no sentido de que as práticas sociais organizadas por Organizações Não Governamentais (ONG's) foram validadas em sua importância prática, como também, na sua concepção teórica. As ONG's atuam em espaços sociais onde a função do Estado não se faz presente.

Uma lacuna relativa aos cuidados de crianças e adolescentes foi tentando ser solucionada com a criação de mecanismos legais e instituições que pudessem transformar essa perspectiva de maneira qualitativa. Uma importante ONG que surgiu nessa época foi o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) em território nacional em meados de 1980, e conseqüentemente, a sua expansão para todo o território, chegando ao estado do Ceará na mesma época.

O MNMMR, atualmente com matriz na cidade de Brasília, tem em seus eixos aspectos que visam formar/mobilizar/conscientizar os/as meninos/as na luta cotidiana por melhores condições de vida. O MNMMR surgiu após casos graves de desrespeito à infância, noticiados pelos diversos veículos midiáticos da década de 1980, como a “Chacina da Comunidade de Vigário Geral” e a “Chacina da Candelária”, ambas no Estado do Rio de Janeiro (BARRA, 2015). Dentro de um viés específico, instaurou-se esforços procurando observar a problemática dos sujeitos que vivem em situação de abandono nas ruas, dessa forma, criou-se o MNMMR como uma ferramenta importante para combater as desigualdades sociais latentes.

Alguns documentos legais tornaram hábil, a partir da década de 1980, a execução de um sistema de direitos que minimamente atendesse crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, foram surgindo concomitantemente com a criação do MNMMR e auxiliando-o na sua prática nas ruas. Um desses marcos legais foi a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que a partir de então, passa a atuar como documento importante para a garantia de um sistema de direitos pleno:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, a alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2010, p. 11)

A criação do MNMMR deu-se a partir de um olhar crítico sobre um sistema social que excluiu de seus cuidados as crianças e os adolescentes pertencentes às classes sociais desfavorecidas, tornando suas vivências repletas de riscos à sua integridade física e psicológica. Em Fortaleza, atua ininterruptamente na comunidade do Lagamar desde o ano de 1985 até os dias atuais, realizando ações de organização e formação de novas lideranças entre a juventude local, sempre trabalhando na ótica da educação popular.

A formação do MNMMR ocorre, em grande parte, nas vivências das ruas das periferias de Fortaleza, não acontecendo de maneira formalizada, como delimita a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), onde o processo formativo é centrado em instituições superiores de ensino, que podem ou não estar ligadas às Universidades, quando se trata de formação na educação básica (BRASIL, 1996).

O MNMMR oferece dois pontos de formação: a) formação formal, que aborda aspectos da educação básica (leitura e escrita), como também, a formação informal, que concebe uma “leitura de mundo” em torno de problemáticas sociais pertinentes ao meio social que os cerca. “A formação do ser não se realiza sem o ser da formação, seus contextos de referência, seus pertencimentos e as suas diversas demandas existenciais” (MACEDO, 2010, p. 53).

Contudo, o presente trabalho tem como objetivo analisar a prática formativa do MNMMR nas ruas da cidade de Fortaleza à luz das concepções norteadoras da LDB, estabelecendo tal perspectiva educativa como uma prática de ensino não-formal, construída por sujeitos em situação de rua, mediatizados pelo contexto social que os cerca.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo, no qual foi realizada uma análise bibliográfica profunda sobre o assunto, além da observação participante e a entrevista semiestruturada. A pesquisa qualitativa se preocupa na compreensão, explicação e interpretação das relações sociais e todo seu contexto. De acordo com Diehl e Tatim (2004, p.48) a pesquisa qualitativa:

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinados problemas, além de permitir as interações de certas variáveis, compreendendo e classificando os diversos processos dinâmicos vividos pelos grupos, possibilitando, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Ainda sobre a definição a cerca da investigação qualitativa, Bogdan & Biklen (1994, p. 16) mencionam que:

a expressão ‘investigação qualitativa’ não foi utilizada nas ciências sociais até o final dos anos sessenta [1960]. Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico.

A presente análise bibliográfica foi norteadada por livros e artigos científicos que embasaram de maneira qualitativa o processo de construção do texto. Além da observação participante que é uma técnica da pesquisa qualitativa que foi desenvolvida por meio do contato direto e frequente com os educadores sociais que compõem o MNMMR, tendo como objetivo obter dados que um observador exterior não conseguiria, a esse respeito Bogdan & Biklen (1994) diz que:

Os investigadores qualitativos tentam interagir com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora. (...) Como os investigadores qualitativos estão interessados no modo como as pessoas normalmente se comportam e pensam nos seus ambientes naturais, tentam agir de modo a que as atividades que ocorrem na sua presença não difiram significativamente daquilo que se passa na sua ausência.

E finalmente a entrevista semiestruturada tem como característica a utilização de um roteiro previamente elaborado, mas tem liberdade caso apareçam outros assuntos no decorrer da entrevista, esse tipo de entrevista “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

ANÁLISE

O MNMMR do Ceará é formado por educadores sociais que habitam o próprio espaço de maior atuação, no caso, a Comunidade do Lagamar. Além disso, todos foram sujeitos em situação de rua na infância e adolescência na década de 1980, atualmente são adultos, ainda comprometidos com o trabalho social que realizavam em outrora. A concepção de mundo

desses sujeitos sobre a importância de se fazer sujeito crítico deu-se, sumariamente, através de ter a rua como espaço integrador de vivências. Na época, no início de 1990, havia uma busca pela compreensão da realidade, uma tentativa de compreender as transformações que a rua proporcionava, uma tentativa de entender o mundo e, a partir de então, passar a atuar sobre o mesmo de maneira completa:

A compreensão da realidade só se fará quando o homem perceber, do lado caótico e obscuro que se lhe apresenta, a sua decomposição. Nesse processo, separa-se o fenômeno da essência, o que é secundário do que é essencial. Para que possa conhecer e compreender esse todo, o homem tem que fazer um 'détour': o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato (método do pensamento), o todo através da mediação da parte (MEDEIROS, 1986, p. 29).

Foi nessa tentativa de compreensão de mundo que os sujeitos, ainda em situação de rua, passaram a fazer parte do mesmo no sentido de atuar dentro dos espaços formativos como agentes diretos do processo de transformação social. Como parte vivencial dessa pesquisa, foi realizada entrevista semiestruturada com os sujeitos líderes do MNMMR na contemporaneidade para perceber como é sua visão de mundo em relação ao impacto do MNMMR enquanto espaço formativo nas ruas. Ao todo, atualmente são cerca de três líderes (socioeducadores) no MNMMR, sendo elencados nesta pesquisa por: sujeito 1, sujeito 2 e sujeito 3. O MNMMR não possui sede física própria, remuneração por órgãos públicos ou qualquer tipo de auxílio financeiro externo, sobrevivem de doações ou com recurso pessoal dos próprios socioeducadores.

Após observação participante constante no espaço da investigação, foi construído um roteiro de entrevistas semiestruturadas, tendo sido realizada com os líderes socioeducadores do MNMMR. Como primeira pergunta, questionou-se sobre “qual o motivo de (o sujeito) ter se integrado ao MNMMR na adolescência e por quê passou a atuar nele como educador social?”. As respostas obtidas foram:

Sujeito 1: Ingressei no MNMMR porque queria mudar as coisas, queria mudar a vida dos meus amigos na época, era muita violência, muita coisa errada acontecendo na rua. Vi no MNMMR um espaço acolhedor que me fez pensar sobre a minha vida; Sujeito 2: Entrei no MNMMR porque vi muita gente morrendo, muita droga, na época tinha muita gangue no Lagamar, se a gente não se salvasse, ia morrer; Sujeito 3: Entrei porque gostei da educação de rua, era legal ajudar os outros naquela época, a gente começou a ser mais respeitado depois disso.

A rua é espaço de vida e de morte, é palco de construção de rótulos sociais, de máscaras postas para caracterizar os sujeitos que vivem à margem de um sistema de direitos que lhes foi retirado:

Vivenciam em seu cotidiano as mais diversas formas de violência e desrespeito, que vão do descaso do Estado até sua estigmatização como ‘potenciais criminosos’, passando por assaltos, convívio com tiroteios, execuções sumárias, batidas da polícia, invasão de domicílio. Ao mesmo tempo em que causam indignação, esses fatos acabam-se tornando parte do cotidiano, transformando o dia-a-dia das pessoas pertencentes às camadas populares num exercício constante para sobreviver a todas essas ameaças (MNMMR, 1991, p. 46).

A entrada dos sujeitos no MNMMR como socioeducadores, após serem atendidos enquanto sujeitos em situação de rua, mostra o quanto pode ser impactante um processo de transformação voltado para o despertar de uma consciência crítica coesa. Há muitos estigmas socialmente construídos em relação aos moradores de espaços de periferia, dessa forma, esse encontro com grupos sociais que promovem uma formação holística, que o faz reconhecer o mundo, que o liberta dos estigmas impostos cotidianamente, faz com que se reconheça a importância cidadã de tal trabalho.

Como segunda pergunta, questionou-se sobre “como você percebe a importância da formação que o MNMMR proporciona aos sujeitos em situação de rua?”. As respostas obtidas foram:

Sujeito 1: A formação que tive e que o MNMMR proporciona a gente a possibilidade de saber das políticas públicas, de saber dos nossos direitos, de saber o que é certo para ajudar os outros. Não é um negócio que tem em livro, também tem porque temos momentos assim, mas a parte mais rica está na rua, com as pessoas, com os conhecimentos que se misturam; Sujeito 2: Acho uma formação que tem a cara da nossa comunidade, sabemos do que a gente tem direito e dos nossos deveres, sabemos o que é importante para sobreviver aqui; Sujeito 3: A formação que tive aqui, porque já frequentei a escola até o ensino médio, é uma formação que vai além das coisas escritas. De que adianta ler lá alguma coisa, se não sei como colocar em prática? Aqui, nos formamos para a vida, todos os dias.

A formação obtida no MNMMR vai além das premissas da LDB que em seu artigo 22, menciona que deve haver aos sujeitos na educação básica a “formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996, p. 17). Na lógica da educação social de rua, a formação vai além de tal pragmatismo, pois conforme enfatiza Macedo (2010, p. 58), a formação deve ter como premissas: “a formação do direito do homem; a formação como construção do

desenvolvimento socioeconômico/social e a formação como experiência reveladora das necessidades pessoais fundamentais”.

Na periferia das grandes cidades ou nas ditas favelas, como muitos intitulam, as pessoas estão em constante processo de interação, há uma ressignificação de suas vidas, há uma formação simbólica se estabelecendo em torno do dito e do vivido. “Basta chegar uma favela no início da noite, em qualquer dia da semana, e ver mutirões que mobilizam famílias inteiras até de madrugada” (PEDROSA, 1990, p. 103). Como terceira pergunta, foi questionado sobre “qual a identidade da formação do MNMMR na contemporaneidade para o enfrentamento da realidade social na Comunidade do Lagamar?”, as respostas foram:

Sujeito 1: É uma formação que não está só na escola, aprendemos com nós mesmos; Sujeito 2: A identidade da nossa formação é o conjunto de coisas que a gente trabalha, nem sempre tá tudo lá organizado, a gente tem que parar e pensar ou perceber como se trabalha para encontrar a resposta que queremos, é um negócio que está mais na nossa prática e como a gente pensa sobre ela; Sujeito 3: a identidade são as nossas vivências, tentamos passar isso aos novos jovens educadores sociais, além do que está escrito, eles tem que aprender a ser agentes de transformação na comunidade, nas ruas.

O processo formativo no contexto do MNMMR atua na concepção da formação dos sujeitos para enfrentamento das adversidades tidas em seus microespaços sociais. É uma formação não sistêmica, não pré-desenhada em fórmulas ou roteiros pré-definidos, é uma formação dinâmica que dialoga com as suas vidas, que os ajuda a se constituírem como sujeitos de direitos, tendo em vista que a formação de si auxilia para a construção de uma consciência coletiva naquele território:

Para a formação de si mesmo no contexto interacional, importam as convicções sobre a importância dos relacionamentos afetivos, as expectativas de recompensa e satisfação, as crenças familiares sobre o grau de segurança e de participação no mundo social, bem como o limite de desapontamento ou sofrimento que se pode suportar. (ASSIS, 2006, p. 25).

A formação de si acontece num sentido completamente interacionista, em conjectura com as sensações internas que se externalizam, fazendo do sentir prática constante humanizador. A formação e sua aprendizagem “não pode ser vista apenas por uma perspectiva psicológica, biopsicológica ou psicopedagógica, até porque num processo formativo, implica o social, o cultural, o político, o estético, o econômico” (MACEDO, 2010, p. 118).

A aprendizagem imbuída nesse ato de formação não pode ser previamente determinista ou determinante para elencar ou separar saberes. O MNMMR como grupo social invisibilizado pelos holofotes do que a sociedade julga importante, não se esmoreceu diante de tais julgamentos, que possuem mais o viés de validar o que lhes é dito como correto, diálogo que inválida a prática educacional formativa contida nas interações das ruas, por exemplo. Como dimensiona Barra (2015, p. 199), ao afirmar que:

A vida está na rua, é nela que a vida pode surgir, é nela que a vida constantemente desaparece. Esse movimento de nascer e renascer nas ruas faz com que as pessoas que nela transitam tenham a ciência que os percursos são determinantes para se buscar espaços de vida e de morte. Se empoderar desses caminhos é necessário para fortalecer o coletivo e fortalecer os caminhos desse coletivo.

A formação tida pelos sujeitos auxilia na concepção de mundo deles mesmos, um mundo imbuído de significados e significantes tão específicos, que o MNMMR acaba por ser motor gerador da construção de reflexões a cerca desse mundo. O contexto formativo não formal tido nessa relação é único, pois lidam-se com sujeitos e contextos únicos para que tal premissa tenha êxito em sua prática social.

CONCLUSÃO

O percurso formativo do MNMMR está ligado diretamente nas suas concepções obtidas nas relações vivenciais do mundo das ruas. Os educadores sociais se caracterizam como educadores sociais de rua e sua prática formativa é imbuída dos preceitos que regem as suas ações na Comunidade do Lagamar. Apesar de não possuem em maioria aspectos formais de ensino, como uma educação curricularizada, os sujeitos fazem de suas vivências importantes pilares de construções de teorias sociais que delimitam na prática o que seria um educador social de rua coerente com o mundo que se propõem a atuar.

A realidade das ruas vivenciadas pelos sujeitos está em constante transformação, até porque, “as realidades resultam de processos prolongados e intrincados de construção e negociação, profundamente imbrincados na cultura” (MACEDO, 2010, p. 119).

A rua, nessa concepção, extrapola a sala de aula forma, exerce papel de protagonismo, assim como a LDB exerce sua atuação prática na regularização das normativas que compõem aspectos da educação em âmbito nacional. Marcos como a criação do MNMMR, do ECA e da LDB, em seus vinte anos de existência, mostram que aspectos legais de transformação da educação ainda estão em metamorfose constante e, observar as práticas formativas em todos

os seus pontos de existência, são características para se construir uma educação verdadeiramente universal.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSIS, Simone Gonçalves de. **Resiliência**: enfatizando a proteção de adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARRA, Tiago Bruno Areal. **O Papel Formativo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) na Comunidade do Lagamar através da Perspectiva dos Participantes**: uma experiência de construção da resiliência e do empoderamento. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira. Ceará, Brasil. 2015. 226 p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: lei nº 8.069, de 13 de julho, de 1990. 9ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

GATTI, B. A. **Curso de Pedagogia em Questão ou a Questão da Formação dos Educadores**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

MACEDO, Roeberto Sidnei. **Compreender/Mediar a Formação**: o fundante da educação. Brasília-DF: Liber Livro, 2010.

LEITE, Ligia Costa. **A Magia dos Invencíveis**. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Educação Social de Rua**: as bases políticas e pedagógicas para uma educação popular. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender Mediar a Formação**: o fundante da educação. Brasília-DF: Liber Livro, 2010.

MNMMR. **Vidas em Risco**: assassinatos de crianças e adolescentes no Brasil. Rio de Janeiro: NEV, 1991.

PEDROSA, Fernanda (et. al.). **A Violência que Oculta a Favela**: o dia-a-dia nas favelas do rio. Porto Alegre: L&PM, 1990.